

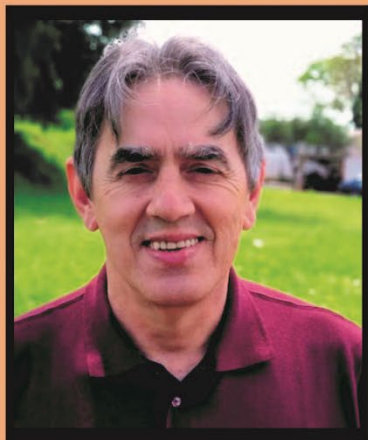
Charnecas Floridas

Poesias

MOACIR LUIS ARALDI



EDITORA BOCALITE
LIVRO & BOMBE



Moacir Luís Araldi - residente em Passo Fundo/RS, tem publicações em portais, sites e blogs literários.

Participante do Projeto Passo Fundo onde foi organizador da Coletânea de Poemas 2017, criador da Antologia Encontro e organizador da primeira edição lançada em 2018.

Além deste é autor dos livros Cabernet , Interlúdios e Horizontes.

Tem participações em diversas antologias nacionais.



*Charnecas
Floridas*

Poesias

MOACIR LUIS ARALDI

Charnecas Floridas

Poesias



EDITORA BECALETE
Livros e Encantos

Mogi Guaçu/SP
2021

Proibida a reprodução total ou parcial dos textos desta obra
sem prévia autorização do seu autor.
Direitos reservados.

As ideias aqui expressas são de inteira responsabilidade do autor
e não refletem necessariamente a opinião da editora.

Ficha técnica

Edição e arte final: Luciano Becalete
Assessoria editorial: Fabiana Lourenço Becalete
Revisão: Beth Candio
Assessoria bibliotecária: Maurício Amormino Jr.
Imagem de capa: Acervo digital

Obra impressa no Brasil em sistema digital.
Obra catalogada conforme rege as normas editoriais.

O conteúdo desta obra foi liberado e autorizado para impressão mediante
verificação dos arquivos finais pelo autor e/ou seu responsável legal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A659c Araldi, Moacir Luis.
Charnecas floridas: poesias / Moacir Luis Araldi. – Mogi Guaçu,
SP: Becalete, 2021.
92 p. : 14 x 21 cm

ISBN 978-65-5501-110-4

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Título.

CDD B869.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
Ternas lembranças	11
Ilha.....	12
Eternidade.....	13
Belezas de um dia triste	14
Sem memória.....	16
Férias.....	17
Voz da natureza	18
Instante	19
Admirável.....	20
Pórticos.....	23
Ciclo	24
Desenlace	25
Ainda vivo.....	26
Tempos e ventos.....	27
Outra vez.....	28
A noite passada eu sonhei	31
Viajante	32
Alma nostálgica	34
Filete.....	35
Declínio	36
Infrutíferas	37
Fases.....	38
Olhos de luz.....	39
Estou lá.....	43
A estação	44
Charnecas floridas.....	45
Depois.....	46
Simbiose	47
Tinto.....	48
Conjugado.....	51
Faiscando.....	52
Solão.....	53

Ciclo.....	54
Um dia.....	55
Claves.....	56
Animais.....	57
Meu horizonte é poesia	58
Águas azuis	59
Faltam infinitos	60
Final	61
Gustativo.....	62
“Até onde a vida alcança é pouco, quero ir mais longe” (do livro Cabernet)	63
Abissal	65
Pés	66
Animalejo.....	67
Vida de adulto	68
Desejo.....	69
A fé maternal.....	70
Eterno.....	71
Recorrente.....	72
Futuro	73
Flash.....	74
Intuindo.....	75
Morada de versos.....	76
Andejo	79
Atemática	80
Desacerto	81
Confissão.....	82
Casa da infância	83
Fluxo.....	84
Olhar.....	85
Fímbria	86
Aparente.....	87
Extremos.....	88
Sorte e azar	89
Visão	90

APRESENTAÇÃO

Nasci no interior do Rio Grande do Sul, mais precisamente em Pinheiro Marcado distrito de Carazinho, muito próximo da distante primavera de 1963.

Na infância as minhas vivências foram totalmente rurais. Era uma época mais poética, mais romântica, mais acolhedora e, creio eu, mais inspiradora.

Em Charnecas florida, tento equilibrar os elementos naturais vividos com os conflitos urbanos do cotidiano moderno.

Para o poeta italiano Salvatore Quasimodo poesia “é a revelação de um sentimento que o poeta acredita ser interior e pessoal, mas que o leitor reconhece como próprio”

É um gênero que sempre me encantou, posso dizer que escrevo poesias para ficar em paz e equilibrado comigo e com o mundo.

Já que somos finitos, que se eternizem os poemas, que se perpetuem os versos e a beleza poética suscitada pela sensibilidade humana.

Você acredita num mundo sem poesia?

Eu, sinceramente não.

O autor

(...)

**Olhos a arder em êxtases de amor,
Boca a saber a sol, a fruto, a mel:
Sou a charneca rude a abrir em flor!**

Florbelá Espanca, in "Charneca em Flor"

Ternas lembranças

Deito meu olhar sobre o mar,
no instante em que a onda
mansamente toca meus pés,
trazendo vontades
não sei de onde,
nem de quê.

Ternas lembranças me percorrem
e um riso incerto voa,
saudoso das asas poéticas Pessoaís
do mar salgado de Portugal.

Sou ungido
das tuas águas,
ó mar!
Sinto-me doce
ante teu sal.

Ilha

Pequena ilha
a milhas da costa
contempla o continente
e descansa

Fixa,
move o mar
Pássaro ínfimo
habita

Barco noturno,
distante
Luz móvel,
errante

Meus pés de areia
- Ilha distante –
Sopro de esperança,
vista que mal te alcança.

Eternidade

Quero amanhecer ouvindo a voz do mar
e partir sem sonhos
- Pela areia molhada da esperança-
Recolher-me-ei às minhas espessas crenças
rumo a novas e sensíveis lonjuras

Vou ao encontro dos poetas de outrora,
trocar a vida pela poesia sem aflições;
Ouvir metáforas de mentes geniais,
nostalgias marcantes de outros jamais

Descansar os olhos turvos
em insônias tantas e indecifráveis.
Equilibrar-me no muro frágil
do abismo e do paraíso celestial

Poemas divinos me manterão ativo
sem ostentar nenhum glamour
Sensíveis versos líricos livres
Ternos, imortais, inesquecíveis;

- eternos -

Belezas de um dia triste

Do alto da rocha admiro o fiorde
longínquo, calmo, sereno
- Encantos -

Altos paredões rochosos
- Medo! –

Reflexos pálidos
brilham em minha calva tristeza.

Ao fundo a brisa leve
torna tudo inesquecível

Me nego a ceder

Parodiando a dureza
torno-me pedra

A pequena e distante cachoeira
alcança desanimada a água salgada

Deus nunca saberá que soluçei

Na calma improvisada da alma,
o analgésico suaviza-me as linhas

Esboço breve sorriso,
ninguém vê, certamente

O caminho retorna
- É o que resta!

Do outro lado,
dúvidas da vida
e a aurora boreal

- Deixo para lá:

- Bastam-me os horizontes.

Sem memória

Há um grito que não responde
Eco silencioso que soa longe

Solto no ar

A onda peleia com as pedras
-indestrutíveis -
Mar sem memória de marés
não é mar

Sal sem demasia,
apenas mar
sem sinônimos
nem significados

Arrojado,
céu azulado
A água passou:

é passado.

Férias

Ela mexia o café
Ele espiava o mar
Hialino olhar

Ela queria sol de bronze
Ele queria ondas
de mergulhar

Ao sol tornaram-se areia e mar.

Voz da natureza

O rio que brinca em mim
É infantil
É límpido

Águas saudáveis
que nem sei poluir

Coaxam as rãs animadas
A voz humana silencia
Sento-me à sombra marginal
extasiado a observar:
- Náiade não há -

A voz da natureza
muito tem a nos ensinar.

Instante

Há paz em ver o mar
Sossego interior
alimentando o sol

Versos em suas ondas
lembram-me que ontem,
pensativo, contei estrelas

Na areia a gaivota
silencia o semblante

A tarde envelheceu...

- Sozinha -

Admirável

A vista da vida
vinha dos olhos de vidro
das ventarolas das janelas

Descendo
a descida

Degrau
por
degrau

Lindo e límpido
como água do poço

Frescor da brisa
cheirando a flores

Zunido de abelhas
adoçando o sonho

Crescidos
os girassóis sorriam.

**“Acima, muito acima
O céu, parcialmente nublado. .”**

(do livro Cabernet)

Pórticos

Pórticos rústicos
Alma em fuga
- Solitária -

Reflexo de luzes
Ventos de ausências
Suave rítmica poética
Som da lira
e as folhas dançam

Um passo

Mais um

E mais outro...

A distância!

Flor com a haste quebrada
a vida dá pouco
- Nada -

A pétala amanhece sangrando
... Mistérios
des (humanizados)

Ciclo

A vida em espírito e corpo se formando
O vento embalando a luz
nas poesias lançadas ao ar

Canções intensas sem instrumentos
na ternura dos meus sentidos

Cresci admirando os caminhos,
colhendo belezas que as mãos alcançavam
- Lamentando as flores mortas –
e fazendo versos ofertados com carinho

Meus olhos anoiteceram
O silêncio me fez lembranças aos passarinhos

A vida é um voo constante.

Desenlace

O arame farpado
fere o vento
e a ferida arde

O sangue dolorido
espalha-se
e morre
na terra

A vida treme
Geme o fim

Adeus, eterno!

A morte ainda
é para sempre.

Ainda vivo

Onde foi que o vento virou?
Meus passos lentos
estão pesando

O cansaço senta-se à beira da estrada
e espera

Te prometi eternidade, vida!
- Fidelidade além do soneto –

Aberto, o peito expõe feridas

Aves pretas sobrevoam
Sombras passam em meu corpo
e sabem que ainda respiro
Me desejam morto.

Tempos e ventos

Viver é juntar pétalas
Formar rosas
de tempos
e ventos

Fora isso,
tudo é depois

Exceto nós
que somos agora

Em nosso Jeito
de não sermos.

Outra vez

Manhã virgem de sol
Dor doída
que já não dói

A vida é um flash.

Ontem
ficou pra trás

Caminhos desbotam
as folhas faciais

Anoitece outono
para amanhecer inverno

E o frio aprisiona,

mas o colorido da primavera,
- Que dádiva! –
avança pelos dias de verão

E a liberdade de amar
o mesmo amor
- outra vez -
ilumina o coração.

**“A noite oculta as ondas
Sem silenciar meus ouvidos
Doce embalo de ninar
Doces ondas do amar.”**

(Do livro Horizontes)

A noite passada eu sonhei

Nestes dias em que a chuva umedece a rua e o céu escurece, observo a vida na minha cidade.

As luzes acendem brincando de anoitecer.

Com a chuva intensa, sinto medo de temporais, enchentes, tragédias naturais...

Na juventude, em dias de chuva a gente se divertia pisando descalços nos atoladores das ruas.

Era lindo acompanhar a emoção das crianças pisando no barro pela primeira vez.

Anoitece.

Vejo o espetáculo das luzes dos veículos refletindo nos pingos d'água.

É agradável adormecer ouvindo o ruído das goteiras, ou acalentando algum sonho no conforto da cama.

É gostosa a sensação de acordar durante a madrugada com frio, quando reforçamos as cobertas.
A noite passada eu sonhei.

No meu sonho todos compreendiam que os homens sobrevivem a tudo, exceto a solidão das noites chuvosas. A humanidade se abraçava num gesto de ternura jamais visto. A felicidade invadia cada coração e todos riam alegremente.

Ao amanhecer, a realidade era outra, mas sonhar, ainda que seja utópico, é um exercício que acalma a alma e o coração.

Viajante

No lado do carona,
a térmica na mateira

Da erva úmida,
o cheiro do mate

No rádio alguma música
regional

A paisagem bela
A serra
Os morros
A terra

Diante dos olhos
nuvens se movem
sem rosto

Dirigindo,
penso em Deus

Sou parte do mundo;
Sou tão pequeno!

Ligo as luzes,
Já é noite.

A estrada é solitária
- Sempre foi -
Reflexos luminosos
indicam sereno da madrugada

Peço a um anjo
que me guie

A vida não tem parada
Já, já
surgirá um novo dia.

Alma nostálgica

Lua feita de silêncios
na calmaria noturna
A vida, inconformada,
tata frases no peito

Pinta uma lágrima desmotivada,
amistosa,
- Do nada -

O futuro é desconhecido,
mas a noite é enluarada.

Filete

A paisagem veste-se de noiva
Os caminhos congelam

Pobre gado!
Desespera-se pelo estábulo

Da boca verte fumaça
Um sentimento
sentido,
O tremor
do minuano zunindo,
O milho,
doce alimento

Noite impiedosa

Um filete de lua
tremelica...
gelado.

Declínio

Adornos de risos e alegrias
Farras e fantasias
semeando a vida
no horto de hortênsias,
perfumando o sacrário
da frase morta

Esquecida

Nos degraus do campanário
não há luz

- Morrem as estrelas-.

Infrutíferas

Em silêncio a luz apagou,
A alma aquietou-se,
triste e aniquilada

Vaga-lumes de estrelas
distantes e calados,
iluminado a madrugada

Olhos sem brilho
vertem dormentes,
frutas inférteis,
infrutíferas sementes

Tudo é deserto
O verde morreu
O eco distante
diz o que viveu.

Fases

Vozes do passado
- Compõem pinturas –
e expõem na tela
traços de lonjuras

A vida
é sombra
de sonhos
fantasiados.

O tempo...

Jovens noites de brisa
Nostálgica juventude.

Olhos de luz

A noite deixa tudo tão longe,
nostálgico...

Um tanto trágico que
parece real

O anjo noturno
anima a alma
antes do sono contínuo

Mãos juntas
iluminam a prece

Ativam sonhos ...

Sempre desejei residir numa destas casinhas sem
número à beira da estrada. Endereços
que parecem não existir:
Rua das Flores S/N.
Isso sim seria morar numa poesia.

(Do livro Interlúdios)

Estou lá

Nos quadros e afins
nos vasos e nos jardins

Em arranjos preparados
nos frascos perfumados

Pétala aromatizada
Natureza viva
Flor florida.

A estação

O hímen poético
frágil,
rompido

Poesia fecunda
- Desabrochando –
Versos nascendo
Cores do mundo

Natureza atávica
Teimosias ascéticas
- Frágil caule –
brotado na rocha

Noites alongadas
de esperas,
rimando flores:
- É Primavera.

Charnekas floridas

Charnekas floridas
após a chuva
- Vida líquida -
dançam alegres

Ventos de elásticos
Repuxe de ondas
repetem nos olhos
a fotografia

Exalam nos ares
- Aqui e além-mares -
legendas perfumadas
em cores que balançam
colorindo o inconsciente
- Das flores –
da gente.

Depois

Vida vindo
ventando vivências
aventando a existência

A rosa escarlata
para a mais bela
Ansioso
ao vê-la na janela

Depois o adeus
envelhece o silêncio.

Simbiose

Simbiose de fungos e algas
Líquens colorem as pedras
e os caminhos...

Vidros e olhos embaçados
mergulhados em brisas e saudades.

Reflico um instante...
Tantas coisas em mim

Calo!

Pensamentos não falam.

Tinto

Vermelha uva
- Vinho -
Cacho sem espinhos
Ramos podados
Cipós sustentados
e o pássaro em volta

Um grão no papo,
outro no chão

O canto silvestre
de agradecimento
Se não fosse o pássaro
seria o vento.

**“Algumas quadras à frente
numa esquina qualquer
num café casual
por certo, voltaremos ao luar.”**

(do livro Cabernet)

Conjugado

Tua energia é luz - luar
Brilha!
Escureço ao te ver passar.

Reflexos de arco-íris
Íris em arrebol
reverberam os raios do sol.

Sorrindo ...
Cabeça alta
Alma colorida
Beleza não lhe falta.

Faiscando

Trago nos olhos
O brilho do sol
de verão.

A sombra nos tijolos
forma no muro
algo sem tradução.

A imaginação colore
com jatos férteis
vindos do coração.

Solão

A pele arde
Ao meio dia
a vida puxada pela copada
arrebenta-se ao meio

Estrada de pó

Solão

Piedade!

Passos suspensos irrespiráveis
Olhar incrédulo e horrorizado
do gado
faminto no potreiro
- O verde definha-

Ciclo

Balançando desce
suave a semente
sobre o solo pouosa
sua leveza

Sutil e natural
sob a terra
chuva o gera
Lunação imediata
Bons ventos
sacodem os galhos
- Vida verde-

Um dia

Na sombra das asas
voa
Inventa movimentos
Repousa
Sossega
Encolhe
- Impiedosamente-
Some
Perde-se
do sol.

Nas asas internas
À luz
na parede
projeta
objetos

Nas asas da noite
silencia,
se ausenta.

Repousa
noturna solidão.

Claves

Duas chaves
abrem a mesma porta

Claves de sol
Voz noturna-rouxinol

Migrações coloridas
Pássaros de rosas-vidas

Abre-se coração
Ouve-se a canção

Recebe a pétala
solitária na mão.

- O voo não silencia a emoção -

Animais

Despidos,
pobres bichos!
E a chuva a lhes umedecer.

Outros cantam!

Tais felicidades às avessas
parecem sorrir
risos saciados
sem sede
sem medos.

Em que reside a alegria?

Na água e milho
- Dirão eles!

E eu sem respostas
Sem cantos
Sem risos
Sisudo
cara amarrada,

Vestido!

Meu horizonte é poesia

Ainda tenho alma
- acredite –
é calma
Tem horizontes poéticos
como os tempos velhos de mim

Quanto vale a idade?

Minhas estrelas ainda
são doces pregados no céu.

Águas azuis

O homem em águas profundas
contemplando o farol distante
sem avistar a baleia
na areia agonizante.

Se isso é saber viver
não sei o que tenho vivido.

Novas auroras anunciam outros barcos,
Mas onde estará a inocência
meiga e desinteressada de outrora?

O que há além de vida e morte?

Faltam infinitos

Muito além de um caminho:
vida!

Passos ansiosos
nem sempre pensados;
Pés pesados no chão.

Viver é dádiva!

Fulminante o sol se põe
como a brisa da praia

Vive-se o instante!

Faltaram infinitos.
A vida nunca para!

Viver é ser!

Final

Uma pomba, inocente
pousa sobre um túmulo
Os corpos estão aqui,
- suponho -
Onde estarão suas almas?
Desconfiada me observa.
Estou vivo!
- Grito.
Eu fico.
Ela voa...
Busca o montanhoso
ponto do Condor
iluminado pelo sol
Vai tornar-se alma.

Gustativo

Maduras,
escorrem,
colorem,
fermentam

Esmagadas
transformam-se

As palavras
Ganham gosto.

**“Até onde a vida alcança é pouco,
quero ir mais longe”
(do livro Cabernet)**

Abissal

Não sei divisar
alma e carne
É tênue é
Abissal

Às vezes sou
e deixo de ser

Desconfio que o futuro
seja pingos de passados

Me calo
Esqueço
para não ser
lembrado.

Pés

Pés calmos não avançam
e a estrada os vence.

Que caminhos percorrem?

Cansados levam os olhos
a ver misérias humanas
criadas pelo homem.

Um olho olha,
o outro cala.

A lágrima ...

Tão duro construir
a paz!

Repetem-se os passos
- O anexo não salvou Anne -
Nada se salva
O mundo acaba
A humanidade é a mesma.

Animalejo

O homem mata
tempera,
prepara e
come

E quer matar o bicho
que quer se
alimentar do homem

Quem é o bicho?
Quem é o homem?
O homem-bicho ou
o bicho-homem?

Vida de adulto

Ao final da tarde penso em um poema,
mas me lembro de que não comprei leite
e corro até a padaria

Amanhã a conta da água
e depois a da energia
e sábado tem o aluguel

E domingo tem a fome
e segunda tem a fome
e sempre tem a fome

Em um dia o dinheiro some,
o poema falece,
os olhos tristes
veem outro dia amanhecer.

Desejo

Se for caminho
ei de enfrentá-lo
pois a fé dá força
para a paz reinar

Se o que eu desejo
for inalcançável
a minha crença
manter-se-á inabalável

Se faltar brilho
um céu de estrela
pintarei ligeiro
para me iluminar.

A fé maternal

A minha mãe rezava,
malemal me lembro

O vento forte
Temporal
Frio
Chuva
Folhas perdidas...

A madeira da casa gemia
tremia em nós o anseio,
mamãe rezava;
Tenho certeza!

Raios luminosos
Insegurança escura

Mamãe tinha fé:
- Santidade,
no altar da minha saudade!

Eterno

Sobre nós:
- Cumpriremos
todas as promessas

Me esquecerei,
te esquecerás

Para sempre.

Recorrente

As reticências ainda dormem
nas ruínas das destruições
do tempo estúpido e visceral

Antenas anônimas captam
ruídos ruidosos da rua e as
câmaras indolentes
filmam a metrópole aflita

Respingos de caos e sombras
no muro baleado – imóvel -
grafitado de aflições efêmeras
ante os trilhos do destino

Só os egos não veem os fósseis
- Não só Judas, nem só Gení –
Empáfia máfia repugnante:
quem manda pode?

Futuro

Sobre o amanhã:

- Tudo é igual, nada vejo;

Pouco sinto,

nada sei

Talvez meus olhos amanheçam cheios

e meu sorriso venha a óbito

ao escutar

o grito sofrido dos homens

em brados por justiça.

Mundo ingrato!

Flash

A vida traz o inesperado
- Gol olímpico –
Luas aluadas
Sombras que amanhecem

O rio sobe a montanha
em andaimes a espia-la
e desliza em lágrimas

Vive e cultiva a flor
- Da pele -
Espinha e sente
o odor
da dor que dói
silenciosa

Acena ao divino
num flash de fé

Adormece leve
escutando o coração

Em paz...

Intuindo

Lembranças enfileiradas,
balançadas
na cadeira de palha
de pernas quadradas.

O olhar fixo na estrada
Algum movimento...
- Vento – e mais nada!

O tempo não avança
nesta distância
- Isolamento-
Espera demorada.

O azul do céu
- Nos olhos -
aguardando...

Morada de versos

Para eu ser feliz
bastam-me bons amigos,
uma morada de versos
rodeada de inspirações...

Uma corda no violão,
canções de fé e otimismo,
uma vertente de benquerença
e apreços no coração...

O barulho da natureza,
o som da poesia em meus ouvidos
e a certeza de que as amizades
são abraços de gratidão.

“Há tempos para ver a vida amanhecer
e o amor dizer: - bem-vindo!
É tempo de viver...
Ah! Que tempo lindo!”

(do livro Horizontes)

Andejo

Caminhando desatento
sem hora, sem rumo
lentamente;
O que importa?

Coração aquietado,
bolsos cheios de mãos,
preso ao desejo de assim não ser:

Silencioso
Ausente
Invisível
Incrédulo

Não há vida
nas ruas...

Nem no íntimo
do andarilho.

Atemática

A imaginação atemática:
Razão em equações enigmáticas,
versos perdem a rima,
grafias fonêmicas anímicas
sem acentuar nada da alma.
Sensibilidade dorme esquecida
Sem sonhos
Sem poesia
Sem vida.

Desacerto

A estrela que não brilhou
A semente que não germinou
A flor que o veneno queimou

O ponto cego
O atoleiro inesperado
O vento frio da madrugada
A parte íngreme da estrada

O lixo que o cachorro virou
A carta que voltou
A luz que se apagou

O nada
A vaga negada
O intruso da fruta estragada

Nota destoada
O dente que dói
A mosca da feijoada

Ausência não sentida
Nascer nasceu,
mas nunca teve vida.

Confissão

A crença é o ofício do pecador
Repetida ecoa a prece
como se a salvação
estivesse ancorada na vida
e viver fosse razão...

A santidade é involuntária
Bondade é obrigação
Se acontece o milagre
ilumina-se o coração.

Casa da infância

Do que vivi na casa antiga
restou distância
e o tempo escondido
em momentos infantis

Daqueles amigos
dormem no peito
saudades e peraltices

Outros sonhos,
embarques sem fronteiras
tomados de esperanças
e desejos a realizar

A vida é um caminho
Alguns decolam fácil,
criando futuros novos,
oportunidades a mais

Foi ontem que nos despedimos
Em cada rosto vi saudade,
angústias de afastamentos,
certezas de esquecimentos

Cada um levou uma alma minha
A vida vai me dando outras
Mas as almas daquela época
foram-se todas (as que eu tinha).

Fluxo

Não há culpa
O tempo erra
e a vida segue

O que choramos
não é a morte,
talvez a dor

Jeito de não ser;
Águas
sem rio,
Humanos sem brios.

Olhar

A janela apoia meu peito
Vejo a multidão aglomerada
pelas calçadas
na rua Solidão

Em mim a comoção
Desejos de abraçar
Enviar-lhes missivas de amor

A ternura enche-me o peito
faz brilhar meus pensamentos
Partículas doces de um sentimento

Jogo ao vento...

Fímbria

Há um nada que me segue
insistente,
mesmo indolente
me flagela

Nada feito de vazios,
de carências ansiosas
- Vida morrendo de sede –
na enchente da modernidade

Vazio que nocauteia
Fímbria de maldições
Velas brancas acendem
para iluminarem-me o chão.

Aparente

Aos olhos, as cores desbotam
sem brilho, viver não é sorrir
Se não está no olhar, onde estará?
Se a alma não voa
Viver é solidão
Se os olhos reprovam
- Pouco importa –
Quem avalia é o coração.

Extremos

Sinto meu egoísmo
Minha voz me diz tanto
com tamanha segurança

Sou eu comigo
... Sigo

Me canso
Me abandono
Fico distante
Perco o sono
Sou eu assim:
às vezes comigo,
outras sem mim.

Sorte e azar

Melhor não pensar
O que tiver que nascer
nascerá.

E se pensar
melhor é calar
Se tiver que crescer
crescerá.

O tempo resolve
Pra lá ou pra cá
Nem toda falta de sorte
é azar

Visão

Deixei de ver o passado
Faltam-me olhos compridos

E na divisa
sentei-me à sombra
e a encolhi até meus pés

Risquei o chão
de limites

Asas me voam

Sigo o caminho
Sou feito de corações.



EDITORA BECALETE
Livros e Encantos

Seu livro de verdade!
www.editorabecalete.com.br

Valorizar o autor nacional é o nosso dever!

Tempos e ventos

Viver é juntar pétalas
Formar rosas
de tempos
e ventos

Fora isso,
tudo é depois

Exceto nós
que somos agora

Em nosso Jeito
de não sermos.

Moacir Luis Araldi



Em Charnecas floridas; meu quarto livro solo, apresento poemas livres que traduzem a inquietude cotidiana do eu poético.

É um livro simples, mas povoado de almas.

Claro que nele não há descobertas, aliás, não me parece ser esta a função da poesia, mas há percepções que possibilitam desvendar conflitos interiores e externos que só a poesia evidencia.

Publique seu livro!



EDITORA BECALETE
Livros e Encantos

ISBN: 978-65-5501-110-4



9 786555 011104